

## Maxixe

O maxixe surgiu no fim do século XIX, também como uma dança marcada pela sensualidade. Isso ocorreu quando a **polca** deixou de ser executada apenas nos salões da corte e das altas classes cariocas, ao som do piano, e passou a ser tocada pelos conjuntos de choro, formados por músicos populares, que utilizavam violão, cavaquinho, flauta e outros instrumentos de sopro.

A coreografia do maxixe emprestava movimentos do lundu e do batuque. Porém, no lundu, todos dançavam em roda, batendo palmas ou cantando; no maxixe, todos os pares dançavam ao mesmo tempo.

## Choro 12 Aprofundamento do conteúdo.

Por volta de 1870, no Rio de Janeiro, surgiram os chorões. Eram instrumentistas populares que davam um **fraseado** abrigado aos ritmos de origens europeia e africana. O choro nasceu, portanto, não como um novo gênero musical, mas como uma forma diferente de tocar os ritmos já existentes, como a polca, a valsa, o tango, etc.

O flautista e compositor Joaquim Antônio da Silva Callado foi um dos primeiros nomes do choro. Outro músico que se destacou nesse estilo foi Ernesto Nazareth, que unia refinamento erudito a tendências populares.

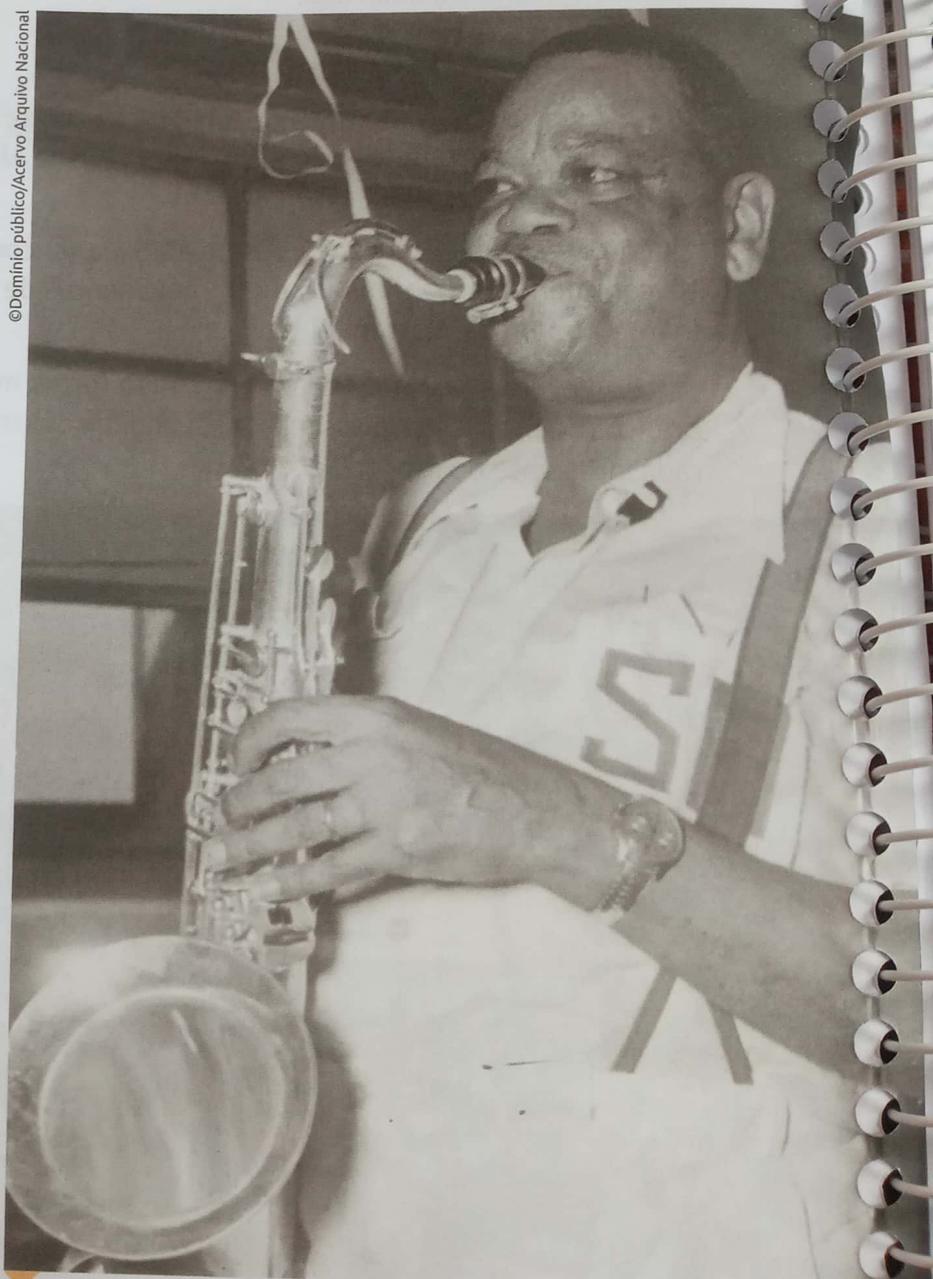
No início do século XX, o choro se tornou um gênero musical independente, executado com instrumentos como piano, cavaquinho, violão, flauta e bandolim.

Entre os compositores e intérpretes mais importantes do choro, podemos destacar Pixinguinha, Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim e Altamiro Carrilho.

**polca:** ritmo popular da Boêmia, atual República Checa, que se difundiu pelo mundo após chegar a Paris, por volta de 1830.

**fraseado:** a forma como as frases, ou seja, os pequenos ajuntamentos de notas, são dispostas pelo instrumentista durante a sua interpretação da música.

© Domínio público/Acervo Arquivo Nacional



Pixinguinha: um dos principais nomes do choro



Entre os pianistas de choro, estava a compositora Chiquinha Gonzaga, que, na época, desafiou muitos preconceitos pelo fato de ser mulher.

No início de 1899, Chiquinha Gonzaga compôs a primeira canção carnavalesca brasileira, a marchinha *Ó abre alas*. Confira um trecho da letra.

Ó abre alas  
que eu quero passar  
ó abre alas  
que eu quero passar

Eu sou da lira  
não posso negar  
eu sou da lira  
não posso negar.

Ó abre alas  
que eu quero passar  
ó abre alas  
que eu quero passar.

Rosa de ouro  
é que vai ganhar  
Rosa de ouro  
é que vai ganhar.



©Azevedo Iconographia

Chiquinha Gonzaga, pianista e compositora

GONZAGA, Chiquinha. *Ó abre alas*. Intérprete: Banda da Casa Edison. In: *O melhor de Chiquinha Gonzaga*. Curitiba: Revivendo Músicas, 2005. 1 CD, digital, estéreo. Faixa 2.



## pesquisa

Reúnam-se em grupos e pesquisem, na internet, sobre a vida e a obra de Chiquinha Gonzaga, ouvindo e conhecendo músicas como *Atraente*. Depois, procurem conhecer um pouco a obra de músicos da geração atual de choro, como Hamilton de Holanda, Yamandu Costa e Trio Madeira Brasil. Comentem as semelhanças e diferenças entre essas obras.



## atividades

13 Encaminhamento de atividade.

Em grupos, ouçam a canção *Ó abre alas*, de Chiquinha Gonzaga. Depois, criem a letra de uma marchinha de carnaval, registrando-a. Vocês podem fazer uma paródia de um samba conhecido, ou escolher trechos de diferentes sambas e inventar uma nova composição, misturando e transformando letra e ritmo.

Se preferirem, vocês podem criar letra e melodia autorais. Usem instrumentos musicais e muita criatividade para fazer uma releitura do gênero.

## Teatro de revista 14 Aprofundamento do conteúdo.

→ Era uma sátira política do ano.

O teatro de revista (ou apenas revista, como era chamado na época) nasceu nas barracas das feiras parisienses, no início do século XVIII. É herdeiro das comédias, dos vaudevilles, do circo e do carnaval – e, mais diretamente, da *commedia dell'arte* e da comédia francesa.

O teatro de revista chegou a Portugal em 1851 e, ao Brasil, em 1859. No início, chamava-se revista de ano, pois era um tipo de teatro musical que comentava os acontecimentos do ano anterior de modo satírico, recorrendo a caricaturas e paródias.

No Brasil, as duas primeiras tentativas [de implantar o teatro de revista] foram malogradas. O público não gostou e a culpa foi colocada no excesso de sátiras políticas. [...] Foi só em janeiro de 1884, [...] que Arthur Azevedo e Moreira Sampaio instalaram, definitivamente a revista *O Mandarim* que ficou conhecida como a *gargalhada que abalou o Rio*. Tratava-se de uma crítica divertida aos sérios problemas do Rio de Janeiro, como as epidemias que ameaçavam o carnaval e a chegada de um mandarim para tratar da imigração [...]. A força desse espetáculo residia no texto e na sátira política.

ENEZIANO, Neyde. O sistema vedete. *Repertório*, Salvador, a. 14, n. 17, 2011. p. 61.

Era uma sátira às tradições e os políticos

No teatro de revista, geralmente uma história funcionava como fio condutor entre os diversos quadros teatrais e musicais. Com o tempo, as linhas temáticas foram se tornando mais raras e o teatro de revista se aproximou do *show* de variedades.



©Acervo Iconographia

Uma das características do teatro de revista eram as fantasias luxuosas.

